

# Resenhas

## emma goldman: uma existência de paixões e anarquias

FLÁVIA LUCCHESI

Vivian Gornick. *Emma Goldman: revolution as a way of life*.  
New Haven, Yale University Press, 2011, 151 pp.

Emma Goldman era uma mulher apaixonada. Uma vida sem paixões outras que a revolução, que abdicasse o sexo e a arte, os prazeres e a alegria, era inconcebível para ela. É sobre esta questão vital para Emma que Vivian Gornick volta seu olhar em *Emma Goldman: revolution as a way of life*. Diante de todo o material levantado, além dos escritos e da autobiografia de Emma, outras biografias e estudos sobre a anarquista, Gornick diz que poderia ter se dedicado a fazer duas leituras e exposições de sua vida: uma considerando o que ela denomina “história política” e suas contribuições para os anarquismos e a atualidade, e outra preocupada com a “unidade existencial” para “entender sua rebelião extraordinária” (p. 3). Ela percorre a segunda opção.

Escritora, feminista e estadunidense, Gornick foi convidada a escrever esta biografia que integra a coleção Jewish

*Flávia Lucchesi é pesquisadora no Nu-Sol e mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP. Contato: flalucchesi@gmail.com.*

Lives, da Yale University Press. Gornick — que, como Emma, é filha de judeus não muito religiosos — demonstra pouca proximidade com os anarquismos. No decorrer da obra, a leitura fluida e agradável é interrompida por explicações preocupadas acerca de acontecimentos e existências anarquistas que, para além de situar um leitor pouco experimentado nas discussões e embates anarquistas, parecem funcionar como pontos de esclarecimentos para a própria autora.

De início, o fato de Gornick não ser anarquista provoca certo estranhamento. Conforme se avança na leitura, no entanto, nota-se que este dado pode atizar um efeito interessante. Talvez exatamente por não ser uma autora anarquista, as histórias que escolhe contar no livro e os detalhes que chamam sua atenção se distanciam de uma certa *heroificação*, de uma busca por confirmações de antemão direcionadas, ou mesmo de uma leitura dicotômica pautada por uma moral anarquista, que ainda hoje persiste aqui e acolá.

A autora conta histórias da vida da Emma sem se preocupar em mostrar “A anarquista”, uma figura lendária, exemplar. Ao contrário, enfatiza os embates travados por Emma consigo mesma, em sua vida e em suas relações, em suas transformações ético-estéticas. Vale ressaltar que, com isso, Gornick não intenta traçar julgamentos quanto a uma coerência anarquista, mas mostrar como Emma inventou para si uma existência outra, disposta e disponível a lutar contra si mesma.

Uma das questões da vida de Emma que atravessa todos os quatro capítulos da obra — “Temperamento”, “Na vida”, “Exílio” e “Legado” — é a experimentação de re-

Emma Goldman: uma existência de paixões e anarquia

lações amorosas e sexuais livres. Neste âmbito, Gornick mostra a luta de Emma contra seu ciúme em suas intensas paixões e relacionamentos. De acordo com a leitura da autora, em *Living my life* — recém traduzido para o português *Vivendo minha vida*, publicado pela editora Ldopa Publicações — Emma romantiza seu posicionamento nessas relações e os descreve como se as negatividades, em especial o ciúme e a disputa feminina, viessem de seus companheiros.

É por meio dos acontecimentos de sua vida, de seus questionamentos e dos modos de lidar que Emma inventava que Gornick apresenta as lutas travadas por ela. A leitura da vida da anarquista exposta pela autora faz cair por terra a retórica polemista levada adiante por certos anarquistas, em especial Murray Bookchin, que procuram apartar o que definem como um “anarquismo como estilo de vida” de um “anarquismo social”.

Emma afirmava sua diferença entre os anarquistas e brindava os diferentes anarquismos. Sua perspectiva individualista, somada aos questionamentos feministas — liberdade sexual, controle de natalidade, recusa do matrimônio —, incomodou muitos anarquistas, especialmente plataformistas e organicistas, além de alguns, de modo geral, mais conservadores, que a acusavam de, nas palavras de Gornick, “trivializar a causa (...) interpretando o anarquismo como um movimento de autoexpressão individual” (p. 2).

A autora sinaliza alguns acontecimentos na vida de Emma que a levaram a transformar-se anarquista: a experiência matrimonial, a revolta diante das condições insalubres nas fábricas — seja nos EUA, seja na Europa

—, a instigante leitura do periódico libertário alemão *Die Freiheit* e a revolta de Haymarket, que a afetou profundamente. Ainda antes de ser uma jovem imigrante nos Estados Unidos, episódios corriqueiros de sua infância ataçaram nela uma desobediência revoltada.

Emma Goldman nasceu em 27 de junho de 1869, na cidade de Kovno, no então território do Império czarista russo. Hoje, é a segunda maior cidade da Lituânia, conhecida como Kaunas desde a independência daquele país, em 1918. Antes de ser invadida pelos soviéticos, em 1944, foi tomada pelos nazistas, em 1914, abrigando o Gueto de Kovno, majoritariamente destinado ao encarceramento de judeus de origem báltica.

O primeiro enfrentamento de Emma à sociabilidade autoritária ocorreu dentro de sua casa. Primeira filha do segundo casamento de sua mãe, Taube Bienowitch, seu pai, que desejava um primeiro filho homem, desde cedo foi violento com Emma. Ele a castigava, surrava, chicoteava. Mas Emma nunca o temeu ou obedeceu.

Quando foi para a escola, também enfrentou castigos e violências, e assim como em sua casa, não temia as autoridades. Condutas autoritárias provocavam sua fúria desde pequena. Confrontava os professores que frequentemente humilhavam verbalmente ela e as outras garotas. Num dos episódios narrados por Gornick, Emma encarou um professor que bateu nas mãos de outra menina com uma régua. Ela deixou a escola aos 12 anos de idade para trabalhar em uma fábrica de luvas.

Não à toa, Emma dedicou sua atenção e reflexão às crianças e às possibilidades de outras formas de educá-las. No volume de estreia de sua revista, *Mother Earth*, em

Emma Goldman: uma existência de paixões e anarquia

1906, ela publicou o ensaio “A criança e seus inimigos” (“The Child and its Enemies”).

Quando completou 16 anos, seu pai queria forçá-la a se casar. Ela se recusou e embarcou rumo aos Estados Unidos, no final de 1885. Lá, viveu em um bairro de judeus em Rochester, e continuou com seu emprego como operária em fábricas de tecelagem. Emma passou grande parte de sua vida em bairros judeus, até mesmo quando deixou de trabalhar na fábrica, dedicando-se à militância. Vivia entre o que Gornick chama de “judeus radicais”. Ao contrário do que esperava, a experiência nas fábricas estadunidenses era ainda pior do que na Rússia, fato que a levou a questionar derradeiramente a religião, quando se deparou com patrões judeus explorando centenas de operários também judeus.

O incômodo de Emma com a situação insalubre das fábricas começou a ganhar contornos militantes a partir da leitura de *Die Freiheit*, jornal assinado pelo anarquista alemão Johann Most. Aos 18 anos, Emma casou-se, pela primeira vez, com um amigo com quem partilhava o gosto pela leitura e com quem tinha boas conversas. O que Emma experimentou nessa relação, sufocada pelo casamento, a revoltou: “se eu vier a amar um homem novamente, eu me darei a ele sem ser limitada pelo rabino ou pela lei; e quando aquele amor morrer, eu o deixarei sem pedir permissão” (p. 13).

Em agosto de 1898, Emma viajou para Nova York. Instigada pelos anarquismos, foi ao Sachs’s Café, um espaço frequentado por libertários. Naquele dia, conheceu Alexander Berkman. Ele a convidou para assistir a uma palestra de Johann Most e ela, que estava empolgada com

as leituras do *Die Freiheit*, encantou-se pelo anarquista nascido na Bavária.

Há biógrafos que afirmam que o amor da vida de Emma foi Berkman; outros, que foi Ben Reitman, médico com quem teve um intenso relacionamento em que, pela primeira vez em sua vida, ambos estavam comprometidos em construir uma relação amorosa libertária. Foram grandes amores, grandes paixões, mas Emma teve muitos outros e, conforme bem expõe Gornick, não os classificava em competição ou hierarquicamente. Isso foi uma questão para ela até o final de sua vida. Aos 65 anos, apaixonou-se por Frank Heiner, um osteopata, cego, cerca de trinta anos mais novo que ela. Emma faleceu cerca de seis anos depois desta última paixão.

Sem dúvidas, como salienta a autora, mesmo que tenham sido amantes por pouco tempo, ela e Berkman tinham uma “conexão vital” e foram amigos por toda a vida, mesmo quando separados pela prisão ou por distâncias continentais. Foi ao lado dele que Emma desejou passar seus últimos anos, enquanto escrevia suas memórias, no Canadá.

Impulsionada por Most, Emma falou pela primeira vez aos trabalhadores em Rochester. Ele havia preparado o texto que ela deveria expor, mas teve um “branco” e falou espontaneamente, com tamanha paixão que, ao terminar, foi surpreendida pela enérgica reação dos que a ouviam. Foi quando notou que podia “agitar as pessoas com suas palavras” (p. 28). Gornick considera que a figura de Emma e seu jeito de falar eram tão sedutores que ela empolgava quem a encontrava, afirmando que, simplesmente, as coisas não precisavam ser do jeito que eram.

Emma Goldman: uma existência de paixões e anarquia

Andarilha, ela começou a caminhar pelos Estados Unidos falando com os trabalhadores no intuito de animá-los para a revolução. Conforme começou a viajar e fazer suas falas, empolgando quem a ouvia, Most passou a se interessar por Emma mais como amante do que como companheira de luta. “Agora ele só queria me sentir por perto... a sua pequena garota-mulher” (p. 30).

O enfrentamento à sociabilidade autoritária passava pelo enfrentamento às condutas machistas que iam, em diferentes proporções, desde o pai até os companheiros anarquistas. Certa vez, quando morava em uma casa comunal que dividia com outros libertários, contou-lhes e a Berkman sobre um jantar com Most. Ele foi encontrá-la vestindo um terno elegante e carregando um vaso de violetas, sem demonstrar o menor interesse nas histórias que ela queria contar sobre suas primeiras viagens pelos Estados Unidos. O que impressionou Berkman foi o fato de Most ter levado “violetas no auge do inverno. Com milhares sem emprego e famintos!” (p. 31). Emma ficou enfurecida e, desde então, parou de se reportar a eles — Most e Berkman — como mentores ou reconhecendo neles uma certa autoridade por serem anarquistas mais experimentados do que ela.

Foi assim que ela singrou por seus próprios caminhos, fazendo-se anarquista e combatendo condutas machistas.

De um lado, Emma incomodava muitos anarquistas; de outro, incomodava muitas feministas. Como constatou Gornick, “os desentendimentos entre Goldman e as feministas era monumental (...). Goldman nunca entendeu por que as feministas *precisavam* de reformas legais, e as

feministas nunca entenderam por que ela *precisava* que as leis fossem abolidas” (p. 75).

No verão de 1893, cartazes com uma fotografia de Emma e a legenda “Emma, a vermelha, sua língua vitriólica é exatamente o que a turba ignorante precisa para destruir Nova York!” foram espalhados por toda a cidade. Uma semana depois, Emma foi presa pela primeira vez.

A grande mídia estadunidense, tal qual a polícia, odiava a jovem libertária. Ela era descrita como uma líder, a “rainha do anarquismo”, aquela que “comandava os selvagens vermelhos com apenas um aceno de cabeça” (p. 39). Publicavam-se descrições pormenorizadas de Emma, buscando em sua fisionomia indícios lombrosianos de sua desqualificação anárquica nata— “a boca é forte e sensual, de curvas brutas, e lábios fartos” (p. 41) — e, em seu jeito, um sinal de comportamentos desviantes e inferiores — diziam que ela ria muito e de maneira escandalosa, fumava e bebia, frequentava bares e dançava.

No entanto, o vigor de Emma contagiava até mesmo alguns repórteres designados para cobrir seus julgamentos. Um jornalista do *Call*, de São Francisco, sugeriu que, se o leitor tivesse que escolher entre ver um show da Nellie Melba, uma peça com Sarah Bernhardt ou ver uma fala da Emma, não deveria perder a oportunidade de ver a anarquista: “ela tem vida, ela tem coragem, ela tem cérebro (...) [ela é] absolutamente sincera” (p. 43).

Como desdobramento do Anarchist Exclusion Act, de 1903, Emma e Berkman, como centenas de outros anarquistas que viviam nos Estados Unidos, foram deportados para a Rússia, em 1917. Os dois embarcaram empolgados com a Revolução, mas logo se decepcionaram

Emma Goldman: uma existência de paixões e anarquia

com os rumos autoritários do socialismo russo e permaneceram no país lutando ao lado dos anarquistas. Foi somente após o massacre de Kronstadt, dois anos depois da chegada, que decidiram deixar a Rússia.

Não conseguiram exílio em nenhum país europeu, atravessando vários deles como fugitivos. Assim, o estilo de vida viajante de Emma ganhou novas proporções e a levou por diferentes lugares, como Áustria, Inglaterra, Alemanha, Suíça, Canadá e Espanha.

Gornick cita uma anotação interessante de Emma acerca deste estilo de vida de andarilha viajante da anarquia: “quando você já passou o suficiente para chegar à próxima cidade, quando você ganha algo de comer de uma pessoa (ou talvez não ganhe nada) hoje, e de outro alguém amanhã, quando você tem que dormir no chão ou em uma cama de família (sem o pai da casa, é claro). São exatamente essas dificuldades e circunstâncias desagradáveis [que] conferem uma certa emoção às minhas viagens. Talvez porque eu, como um amigo diz, tenha nascido uma vagabunda [*vagabond*]” (p. 60).

Mesmo sem asilo na Europa, ela continuou trabalhando em seus escritos sobre a Rússia, encontrando libertários e vivendo novas e breves paixões. No entanto, este estado de vida forçosamente à deriva e às escondidas a exauriu. Ela inclusive chegou a casar-se para conseguir um visto de permanência na Europa como cidadã inglesa.

Gornick conta a maciça rejeição socialista que Emma sofreu devido às suas considerações sobre a ditadura russa. Suas objeções não eram apenas contrárias ao socialismo russo, mas a todo o comunismo que não prescindia de uma ditadura e do próprio Estado para se consolidar. Posta de

lado pelos próprios anarquistas, e sozinha em Londres, ela foi tomada por uma solidão devastadora. “Frequentemente eu penso que os revolucionários são como o sistema capitalista: nós sugamos o melhor que há nos homens e nas mulheres e, então, sorrateiramente os deixamos em *stand by* para vê-los em seus dias de desamparo e solidão” (p. 121).

Quando retornou aos EUA, em 1934, autorizada pelo Estado a permanecer noventa dias no país, boa parte da mídia veiculou a notícia com um misto de compaixão e despreocupação, como se naquele momento e naquela idade ela já não fosse mais “a mulher mais perigosa da América”. Mostrando a estupidez dessa suposição, Emma declarou: “eu não me considero um mártir sofrido. Segui minhas inclinações, vivi minha vida como eu quis e ninguém me deve nada. Não sou mais respeitável hoje do que já fui em qualquer outro momento. São vocês que se tornaram mais liberais” (p. 129).

A vitalidade de Emma se confirmou quando ela embarcou novamente para a Europa, indo da Inglaterra para a Espanha, em 1936, onde lutou ao lado das *Mujeres Libres*. O massacre dos anarquistas e o fim da Revolução Espanhola a deixaram arrasada: “a Espanha paralisou minha gana e matou minha esperança” (p. 135).

As experiências trágicas na Revolução Russa e na Revolução Espanhola deixaram Emma esgotada. Gornick enfatiza o temperamento sentimental da anarquista e a imensa tristeza que a consumiu quando ela foi ao Canadá para escrever suas memórias.

Em uma das definições do seu anarquismo, Emma afirmou: “sentir [o anarquismo] em cada fibra como uma

chama, uma febre a consumir, uma paixão elementar” (p. 4). De maneira semelhante, definiu o amor erótico como: “o mais forte e mais profundo elemento em toda vida, o prenúncio de esperança, de alegria-prazer, de êxtase; o desafiador de todas as leis, de todas as convenções; o mais livre, o mais poderoso modelador do destino humano” (p. 79).

Amar com “a” de anarquia. Emma Goldman fez da revolução um estilo de vida, não por amor e devoção à causa, mas para transformar a si mesma, impulsionada pela revolta e desgovernada por suas intensas paixões. *Emma Goldman: revolution as a way of life* empolga de forma coerente com a vida e a obra de Emma. É uma leitura fluida e com boas histórias para quem quer conhecer um pouco mais da vida dessa anarquista extraordinária, apaixonante e apaixonada.

## jaime cubero, anarquista.

EDSON PASSETTI

CCS. *Jaime Cubero. Seleção de textos e entrevistas*. São Paulo, Centro de Cultura Social, 2015, 316 pp.

Um livro aos jovens destemidos, corajosos, anarquistas ou não, que não dão sossego às autoridades, às hierarquias,

*Edson Passetti é coordenador do Nu-Sol, professor livre-docente no Departamento de Política e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Contato: passetti@matrix.com.br.*